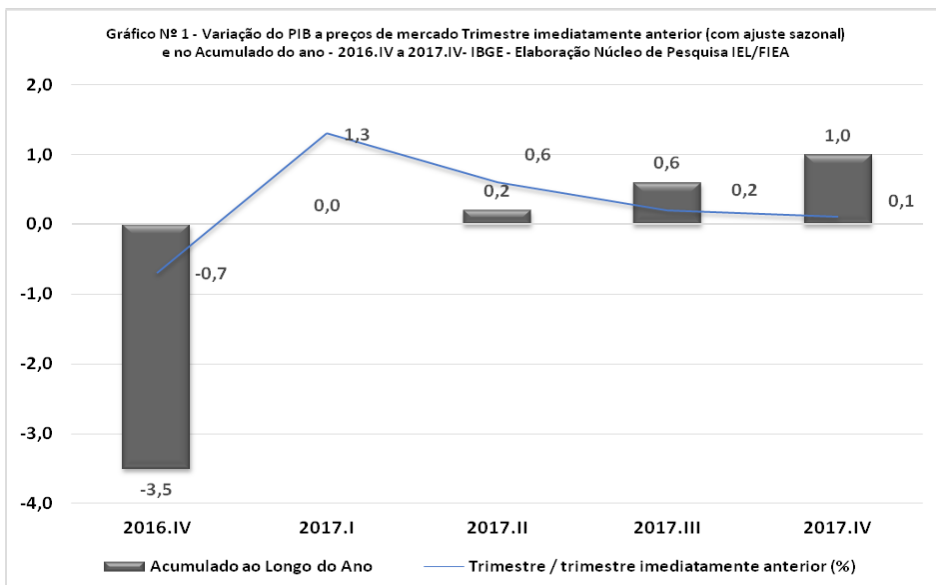




SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

O PIB no IV Trimestre de 2017

Os dados do PIB no quarto trimestre de 2017 corroboram o que outros indicadores já haviam avançado: o ano passado marcou o final da recessão iniciada no Brasil a partir do segundo trimestre de 2014. Os dados do gráfico nº 1, por sua vez, mostram que no acumulado do ano a retomada vem se dando a taxas crescentes, mas, na margem, o ritmo vem desacelerando o que demonstra o caráter gradual da recuperação. É importante observar, ainda, que mesmo crescendo 1,0% em 2017, o PIB ainda está 6,3% abaixo do nível médio de 2014, ano em que o Brasil cresceu próximo a zero. A confirmar-se as expectativas do mercado financeiro de crescimento de 3,0% para a economia brasileira em 2018 e 2019, o PIB levará dois anos para atingir o nível de 2014. Olhando o resultado do PIB em 2017 pela ótica da demanda, o que fez a diferença na retomada foi o consumo das famílias e as exportações uma vez que os investimentos e os gastos do governo apresentaram resultados negativos no acumulado do ano. A Formação Bruta de Capital Fixo só não teve uma taxa positiva de crescimento em 2017 em função do desempenho insatisfatório da Indústria de Construção de (-5,6%). O setor de máquinas e equipamentos foi beneficiado pela retomada do agronegócio e bom desempenho das exportações de automóveis. As importações se recuperaram em 2017, aumento de 5,5% em relação a 2016, mas ainda estão (-18,6%) abaixo de seu nível médio em 2014. Pelo lado da oferta, o grande responsável pelo desempenho positivo do PIB em 2017 foi o setor agropecuário. Em 2017 a indústria de transformação e extrativa mineral cresceram 2,1% e 4,6%, enquanto a construção civil caiu (-3,35%). Em relação



a 2014, a retração acumulada é de (-13,4%) na indústria de transformação; de (-25,2%) na construção; e de (-1,6%) na extrativa mineral. Caso as estimativas de crescimento do mercado para a indústria em geral se confirmem, só em 2021 o nível de produção retornará ao de 2014. Há, contudo, sinais dados pela indústria em 2017 que sinalizam um desempenho mais favorável em 2018. De acordo com o IEDI, 62% dos ramos da indústria voltaram a apresentar crescimento em 2017; 48% cresceram mais do que 2,5% em 2017; e 71% do total avançaram, no quarto trimestre, em um ritmo superior ao do acumulado de 2017, indicando um viés favorável para o início de 2018. O setor de serviços, após oscilar bastante, fechou o ano de 2017 com uma alta de 0,3% no acumulado do ano, mas na margem

apresentou uma aceleração no ritmo de retomada, o que também reforça uma expectativa mais favorável para o PIB em 2018 dado o peso deste setor no produto. Em síntese, não há dúvida que 2017 representou o ano da recuperação gradual da economia brasileira e que as sinalizações do ponto de vista econômico são favoráveis para um ritmo de crescimento maior em 2018. Todavia, há alguns riscos quanto a sua sustentabilidade no tempo, tanto doméstico como externo: incerteza política, indefinição do quadro eleitoral no Brasil, o que coloca em aberto a política econômica do próximo governo, e o risco Trump, onda protecionista.

Aumenta a expectativa de Selic abaixo de 6,50%aa

O IPCA de fevereiro, segundo o IBGE, não só continuou abaixo do piso da meta, com 2,84%, mas veio abaixo do de janeiro de 2,86%aa. A pressão deflacionária continua forte nos bens duráveis e não duráveis e nos casos de semiduráveis e de serviços vem apresentando uma tendência de desaceleração. Produtos monitorados em função dos aumentos dos combustíveis e energia tem acumulado uma trajetória ascendente. Apesar da mediana das expectativas de mercado para a Selic em 2018 continuar em 6,5%aa e de 8,0% para o período 2019 a 2022, de acordo com o boletim Focus de 09/03/2018, a

manutenção do IPCA em um patamar inferior ao piso da meta de 3,0%aa pressiona as expectativas do mercado para uma selic mais próxima de 6,0%aa em 2018. Por sua vez, como vem sendo observado neste Panorama Conjuntural, a mediana do mercado para o IPCA dos próximos anos continua em 4,0%aa, o que demonstra que para se aproximar do centro da meta de 4,5%aa o BCB precisará cortar a selic, principalmente se o ritmo de retomada da economia continuar lento. Atualmente o Brasil com 2,89% tem a quinta taxa real de juros mais alta do mundo, só perdendo para Argentina de 6,04%, Turquia de 5,31%, Rússia de

3,68%, e México de 3,66%. O mercado trabalha com uma taxa básica real de juros de médio prazo de 4,0%aa, o que poderia colocar o país outra vez nos primeiros lugares do ranking. Todavia, a continuar o IPCA apresentando níveis de inflação acumulada nos patamares atuais a tendência é que a aposta de selic em 6,0%aa em 2018 venha a se fortalecer. A postura de um grande banco, o Bradesco, é que o Comitê de Política Monetária deverá reduzir a selic para 6,5% no próximo encontro, deixando, todavia, a possibilidade de cortes futuros caso este cenário benigno de inflação se mantenha.

A produção Industrial Brasileira em janeiro de 2018



O desempenho da indústria brasileira em janeiro de 2018 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, queda na margem de 2,4%. Na comparação com o mesmo mês em 2016 a indústria registrou aumento de 5,7%. De acordo com o

Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), “o ano começou mostrando que o percurso da recuperação industrial não está livre de obstáculos. O declínio acentuado de janeiro, já descontados eventuais efeitos sazonais, rompeu com uma sequência de resultados quase sempre positivos desde o início do ano anterior, sendo as únicas exceções os meses de março e de agosto, quando a produção ficou em virtual estabilidade. Apesar do começo desfavorável, as perspectivas para 2018 continuam positivas. Os indicadores de confiança do empresário industrial encontram-se em níveis superiores do vigente em 2017, apontando não mais para um cenário menos adverso, como vinha ocorrendo, mas para certo otimismo com a evolução dos negócios. Os estoques permanecem ajustados e as exportações de manufaturados, em ascensão. Se este quadro tiver continuidade, sobre o qual pesam os riscos de potencial instabilidade derivada do processo político-eleitoral, é provável que 2018 seja melhor do que 2017. Vale observar, contudo, que aspectos favoráveis que foram importantes no ano passado, como a liberação do FGTS e PIS-Pasep, acentuado declínio da inflação e uma safra

agrícola excepcional, não darão contribuições na mesma magnitude para o resultado da indústria em 2018. É fundamental, então, que fatores mais sistêmicos ganhem força, como a melhora das condições de crédito, sobretudo às empresas, com os juros dos empréstimos refletindo mais fielmente a diminuição da taxa do Banco Central, a Selic.” Ainda segundo o IEDI, “o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, foi de 74,7% em janeiro de 2018, o mesmo patamar registrado em dezembro de 2017. O indicador tem ficado praticamente estável frente ao mês imediatamente anterior desde outubro de 2017, passando de 74,5% para 74,7%. O atual nível de utilização continua inferior à média histórica do próprio indicador (80,4%). Já o indicador da CNI ficou em 78,1% em janeiro de 2018, já descontados os efeitos sazonais. O indicador havia encerrado o ano de 2017 em 77,9%, o mesmo patamar registrado em novembro do mesmo ano. Assim como no caso do indicador da FGV, a utilização da capacidade estimada pela CNI manteve-se abaixo de sua média histórica de 80,4%.”

Variações da Produção - Janeiro - 2018 - %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	-2,4	5,7	5,7	2,8
Bens de capital	-0,3	18,3	18,3	6,9
Bens intermediários	-2,4	4,2	4,2	1,9
Bens de consumo	-1,6	6,2	6,2	3,3
Bens de consumo duráveis	-7,1	20,0	20,0	14,5
Semiduráveis e não Duráveis	0,5	3,0	3,0	0,9
Extrativa Mineral	2,2	0,0	0,0	3,5
Transformação	-2,8	6,7	6,7	2,7

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS- FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice presidente

José da Silva Nogueira Filho

Diretor executivo

Walter Luiz Jucá Sá

Gerente UNITEC

Helvio Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

Diretor Regional

José Carlos Lyra de Andrade

Superintendente

Helvio Vilas Boas

Coordenadora de Inovação e Pesquisa

Eliana Sá

Elaboração

NÚCLEO DE INOVAÇÃO E

PESQUISA DO IEL/AL

EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Laura Vitória Chagas Lins

Layne Mariela de Souza Santos Cordeiro

Luan Victor Ramalho de Oliveira

Yan Vasconcelos Navarro